

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Educação, santidade e gênero nos textos hagiográficos de Gonzalo de Berceo e Tomás de Celano In.: OLIVEIRA, T., VISALLI, A. M. (Org.) Encontro Internacional de Estudos Medievais. Medievalismo: Leituras Contemporâneas, 6, 2005, Londrina. Atas... Londrina: ABREM/UEL/UEM, 2007. 3v. V.2. p.50-62.

EDUCAÇÃO, SANTIDADE E GÊNERO NOS TEXTOS HAGIOGRÁFICOS DE GONZALO DE BERCEO E TOMÁS DE CELANO

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva - UFRJ

Segundo Jane Flax, o gênero, isto é, o saber elaborado pelas sociedades sobre a diferença sexual, está presente em todas os aspectos da experiência humana, constituindo-os ainda que parcialmente (1991, p. 230). Ou seja, o gênero não é um elemento que determina, mas que figura em todas as dimensões do mundo social.

Partindo desta premissa, vamos discutir, neste trabalho, como as categorias gênero, santidade e educação se articulam nas obras *Vida de Santo Domingo de Silos* (VSD) e *Vida de Santa Oria* (VSO), redigidas por Gonzalo de Berceo, poeta e clérigo secular castelhano, e *Legenda de Santa Clara* (LSC), *Vida Primeira* (1 Cel) e *Vida Segunda* (2 Cel) de *Francisco de Assis*, compostas por Tomás de Celano, franciscano original do Reino da Sicília, na primeira metade do século XIII.

A VSD foi elaborada por volta de 1240 e narra a trajetória de Domingo, que viveu na Península Ibérica no século XI e foi, sucessivamente, clérigo secular, eremita, monge e abade reformador do cenóbio de Silos. Quanto a VSO, relata a biografia e as visões de Oria, uma reclusa no Mosteiro de San Millán de la Cogolla, que também viveu na Península Ibérica no século XI. Esta foi, segundo a maioria dos especialistas, a penúltima obra elaborada por Gonzalo de Berceo, cerca de 1264.

A 1 Cel e 2 Cel narram a biografia e os milagres de Francisco de Assis, o iniciador do movimento franciscano, que viveu na Península Itálica entre 1181(?) a 1226. A 1 Cel. foi a primeira hagiografia dedicada ao assisense, escrita em 1228, a pedido do papa Gregório IX por ocasião da canonização de Francisco. A 2 Cel foi redigida entre 1244 e 1247, provavelmente a partir de novos dados reunidos pelos frades sobre Francisco por solicitação do Capítulo Geral de 1244. Já a LSC apresenta a trajetória da primeira mulher a seguir os ideais de Francisco, Clara de Assis. Natural da Península Itálica, viveu entre 1194 e 1253. Ela foi a fundadora da primeira comunidade franciscana feminina, estabelecida em S. Damiano. Sua hagiografia foi composta em 1255, ano da sua canonização.

As idéias aqui apresentadas são conclusões parciais de uma pesquisa em curso, desde de 2001, com o apoio financeiro do CNPq. Trata-se do projeto *Santidade e Gênero na Hagiografia Mediterrânica no século XIII: um estudo comparativo*, que busca discutir, a partir da análise das obras apresentadas, como os discursos de gênero fizeram-se presentes na construção de padrões de santidade nas penínsulas ibérica e itálica no século XIII.

Definimos santidade como o conjunto de comportamentos, atitudes e qualidades que num determinado lugar e tempo são critérios para considerar um indivíduo como venerável, seja pelo reconhecimento oficial da Igreja ou não. A santidade, portanto, é um saber, uma construção histórica que ganha nuances e particulariza-se em diferentes culturas, espaços e períodos e também é afetada pelo gênero. Desta forma, para verificarmos como os hagiógrafos caracterizaram os santos e santas cujas biografias narram em suas obras, não adotamos, à priori, categorias fechadas de santidade feminina e santidade masculina e estamos pesquisando como estas são discursivamente produzidas. Para tanto, selecionamos algumas variáveis para nos auxiliarem a identificar como santidade e gênero ganham sentido e se articulam nos

textos em análise. Neste trabalho, estamos nos atendo, como já destacado, na variável educação, entendida como a formação intelectual formal, incluindo o local de estudo, os professores, os conhecimentos recebidos, o acesso aos livros e o valor dado ao saber. Vamos verificar como os hagiógrafos apresentam a educação obtida pelos santos e santas e como eles relacionam esta educação, ou não, ao gênero e ao reconhecimento da santidade. A opção pela variável educação está relacionada ao momento em que os hagiógrafos elaboraram as suas obras: o surgimento de universidades em diversas cidades ocidentais.

Segundo a historiografia, nestes novos centros de saber, urbanos, eram elaboradas reflexões a partir da leitura dos textos antigos, muitos dos quais recentemente traduzidos do árabe ou grego e reintroduzidos no Ocidente a partir, fundamentalmente, do século XII, e de obras de comentaristas mais recentes, sobretudo muçulmanos. Os conhecimentos produzidos respondiam às exigências de uma sociedade complexa e em expansão. Era necessário compreender o homem e a natureza, refletir sobre Deus, administrar os bens e as instituições, reger os comportamentos... Não bastava mais perpetuar os saberes, mas elaborar novos e torná-los públicos (Paul, 2003, p. 190-191).

Dentre as muitas idéias desenvolvidas nos centros universitários neste período, sublinhamos a consolidação do discurso misógino. Com a retomada dos textos clássicos greco-romanos, principalmente os de Medicina e os de Aristóteles, sistematizaram-se e propagaram-se as reflexões sobre a inferioridade e a fraqueza da mulher (Saranyana, 1997, p. 115).

Intimamente relacionado ao crescimento das universidades também destacam-se os esforços do papado para incrementar a formação intelectual de seus clérigos, concedendo bolsas de estudo e licenças, como uma das estratégias da reforma eclesiástica que visava fortalecer a unidade da Igreja sob a autoridade do Pontífice Romano, lutar contra a ingerência secular em questões eclesiásticas, organizar e qualificar o corpo eclesial, combater a heresia, responder às demandas espirituais dos leigos. Neste sentido, muitos clérigos foram enviados às universidades. Essas receberam muitos privilégios papais, mas o saber ali produzido esteve sob rígido controle eclesial (Verger, 2001, p. 26ss).

As universidades capacitaram, além de clérigos, leigos. Esses letrados atuaram em diversas atividades junto às cortes reais, episcopais, na imperial e na papal, bem como nas próprias universidades e escolas catedralescas. O saber universitário garantia, portanto, colocações, rendimentos e, em muitos casos, ascensão social. É provável que Gonzalo, um dos hagiógrafos selecionados, tenha estudado Gramática na primeira universidade castelhana, o Estudo Geral de Palência, e acumulado as funções de professor na escola vinculada ao Mosteiro de San Millán de la Cogolla com as de pároco no povoado de Berceo. Ele teve acesso, portanto, tanto ao saber universitário como ao cotidiano escolar monástico e paroquial.

Com o surgimento das universidades ampliou-se o campo intelectual no Ocidente Medieval, pois a estes centros de ensino vieram a somar-se outras escolas - paroquiais, monásticas, episcopais, cidadinas - que ofereciam educação às pessoas, com conteúdos e em níveis variados. Assim, podemos falar de uma multiplicidade educacional: pessoas com diferentes acessos à educação formal e, portanto, detendo conhecimentos distintos.

Se a universidade proporcionou a produção de novos conhecimentos, uma nova relação com o saber e a valorização dos letrados, por outro também suscitou críticas. Como aponta Schmucki, "se discutia si los letrados eran realmente los mejores cristianos, o si, por el contrario, era más fácil la entrada en el cielo para los iletrados" (1982, p. 90). Estas críticas provinham não só de grupos heréticos, como os cátaros, mas também do seio da própria Igreja (Schmucki, 1982, p. 90).

Gonzalo de Berceo e Tomás de Celano escreveram, portanto, no momento em que se organizavam as primeiras universidades, o que ampliou a diversidade da educação medieval; consolidava-se, nos ambientes universitários, o discurso sobre a inferioridade física e intelectual das mulheres; o papado estimulava a educação dos clérigos e eram levantadas discussões sobre o valor do saber na vida cristã. De que maneira os hagiógrafos apreenderam este contexto e o aplicaram na caracterização da formação intelectual dos santos e das santas biografados?

Na pesquisa bibliográfica realizada não encontramos trabalhos que analisaram as obras berceanas e celanenses na perspectiva que nos interessa neste artigo, nem isoladamente nem em abordagens comparadas. Não há reflexões sobre a educação de Domingo ou Oria, mas sobre a formação intelectual dos hagiógrafos - Gonzalo de Berceo e de Tomás de Celano - e dos biografados Francisco e Clara. Contudo, em sua maioria, tratam-se de algumas linhas em textos sobre outras questões centrais ou não relacionam educação com gênero.

Só encontramos um trabalho que se aproxima da nossa abordagem: *Saber e Gênero: discutindo o lugar do "saber intelectual" para os franciscanos nos escritos de Tomás de Celano*, de Valéria Fernandes da Silva. O texto analisa as mesmas obras celanenses que estamos estudando e o faz, como em nossas pesquisas, utilizando a categoria gênero. Contudo, seu objetivo é outro: "discutir como Tomás de Celano, primeiro biógrafo dos santos de Assis, Francisco e Clara, irá apresentar a relação entre a ordem franciscana, seja em seu ramo masculino, seja em seu ramo feminino, e o saber" (p. 304). Fernandes Silva, portanto, está preocupada em verificar a relação entre os franciscanos e o conhecimento, e não discutir, como é nossa intenção, como o elemento educação relaciona-se ao gênero e à santidade nas obras celanenses, comparando-as aos escritos de Berceo. A seguir, exporemos nossa interpretação de como cada hagiografia em análise retrata a educação de seus protagonistas.

Tomás de Celano apresenta, na 1 Cel, poucos dados sobre a educação formal de Francisco de Assis. Em 1 Cel 23 informa que o assisense "começou a pregar onde em criança aprendera a ler", sintetizando a formação educacional de Francisco. Ele estudou, portanto, em uma escola paroquial. Quem foram os seus mestres, quais foram os seus livros ou quanto tempo esteve na escola são elementos que Celano não acrescenta, talvez por não os considerar relevantes, talvez por serem de conhecimento geral em sua época.

Como destacam vários autores, a educação básica medieval era similar em todo o Ocidente: junto às paróquias, as crianças entre os 7 e 10 anos aprendiam, com os párocos ou membros do cabido, a ler e a escrever em latim, bem como os fundamentos da gramática, a fim de capacitá-los para a pronúncia correta desta língua. Também estudavam canto e eram introduzidos aos cálculos matemáticos. Os livros de estudo continham fragmentos de textos latinos, orações e salmos e o método de ensino era calcado na repetição e memorização. Certamente, esta foi a educação básica obtida por Francisco de Assis (Paul, 2003, p. 35-49).

Apesar de ter aprendido ao menos os rudimentos do latim e conhecer todas as operações matemáticas, Celano caracteriza Francisco, em 1 Cel 120, como *idiotam*, ou seja, inculto, não versado em uma arte ou ciência (Schmucki, 1982, p. 100). Como aponta Verger, neste momento, só eram considerados letrados aqueles que dominavam a língua latina, ou seja, "as letras", daí o termo *litteratus*, então aplicado para referir-se aos homens cultos (1999, p. 27).

Na 1 Cel, Tomás de Celano destaca o fato de Francisco de Assis ser iletrado, mas também sublinha que o assisense tinha desejo de aprender:

Essa foi sempre a sua mais alta filosofia, seu maior desejo, em que ardeu enquanto durou sua vida: gostava de perguntar aos simples e aos sábios, aos perfeitos

e aos imperfeitos como poderia chegar ao caminho da verdade e atingir metas cada vez mais elevadas (1 Cel 91).

Este desejo de conhecer, na perspectiva do hagiógrafo, superava a dicotomia letrado-iletrado, porque o que Francisco aspirava era o conhecimento de Deus, independentemente do meio utilizado para tal.

Concordamos com Valéria Silva; em 1 Cel há duas sabedorias: uma advinda dos livros e outra dada por Deus (2001, p. 306). Assim, o autor destaca que Francisco, mesmo não sendo conhecedor das "letras", era repleto da sabedoria divina - "pela graça e virtude do Altíssimo foi cumulado com a sabedoria de Deus mais do que todos os homens que viveram em seu tempo" (1 Cel 89) - e, por isso, era admirado pelos letrados (1 Cel 36 e 120).

Na 2 Cel a ignorância intelectual de Francisco é reforçada em diversas passagens, mas esta é equilibrada com referências do hagiógrafo à sabedoria divina concedida por Deus ao santo (2 Cel 102, 103, 104, 140, 141, 145, 185, 191, 195). Nesta vida, que se pretendia uma complementação da obra anterior, o autor não faz menção à educação formal do assisense, mas registra que ele sabia escrever (2 cel 49).

Celano também descreve o relacionamento de Francisco com os livros. Em 2 Cel 62 afirma que "ensinava que nos livros devemos procurar o testemunho do Senhor e não o seu valor material; a edificação e não a aparência" e em 2 Cel 102 dá informações sobre seus métodos de leitura: lia eventualmente os livros sagrados, mas o que lia era memorizado e continuamente meditado. Segundo o hagiógrafo, o santo acreditava que "esse modo de aprender e de ler era muito vantajoso, e não o de ficar folheando milhares de tratados".

Em 2 Cel o conhecimento obtido nos livros e nas escolas não parece tão distinto da sabedoria de Deus. Em nossa interpretação, nesta segunda biografia, a sabedoria livresca é vista como um caminho possível para ampliar a sabedoria divina: há que buscar nos livros "o testemunho do Senhor" (2 cel 62). Celano apresenta na 2 Cel, portanto, um Francisco que anseia pela união, no seio da ordem, entre o conhecimento intelectual e a inspiração divina. Por isso, segundo 2 Cel 192, ele ensinou aos frades que "os sábios aproveitam o que é dos simples, (...) também os simples aproveitam o que é dos sábios".

A LSC não apresenta dados sobre a educação formal recebida por Clara de Assis. A única referência explícita à sua educação é, na realidade, uma negativa: "não tinha formação literária" (LSC 37). Nesta obra, a santa biografada sequer figura lendo ou escrevendo. Há que destacar tal fato, pois sabemos que Clara redigiu diversas cartas e uma forma de vida. Por estes escritos, que foram preservados, é possível reconstruir o seu nível intelectual. Segundo Zavalloni, Clara possuía "um vocabulário mais rico que o de Francisco, uma gramática mais correta" e, suas cartas foram compostas em "um estilo fortemente oratório, poético, por vezes pomposo" (1995, p. 72). Margaret Carney acrescenta que a damianita dominava a linguagem legislativa e jurídica (1997, p. 69).

Segundo a LSC, Clara era instruída pela unção do espírito assim como Francisco (LSC 4). Este fora seu principal mestre (LSC 5 e 6). Contudo, no decorrer de sua vida, a damianita também foi orientada por outros irmãos franciscanos (LSC 37). Apesar de não ser letrada, a santa "gostava de ouvir os sermões dos letrados", pois sabia "que na casca das palavras ocultava-se o miolo que tinha a sutileza de alcançar e o gosto de saborear" (LSC 37). Desses sermões, ainda segundo a LSC 37, ela sabia "tirar proveito para a alma". Ou seja, os saberes erudito e divino poderiam caminhar lado a lado. Contudo, na LSC, Clara só detém o saber inspirado por Deus. Ela não vai a escola, não lê e dos sermões só se apropria do que é bom para a "edificação da alma",

descartando qualquer outro tipo de conhecimento, que era lançado fora, posto que era como "casca".

E nos textos berceanos? Como se articulam os saberes livresco e divino ao gênero e à santidade?

A VSD detém-se na educação formal recebida por Domingo ainda criança. Segundo a narrativa, quando Domingo desejou tornar-se clérigo, comunicou sua decisão aos seus pais. Estes tomaram providências: "Trocaram-lhe o hábito, e outro melhor lhe deram,/ Buscaram-lhe mestre, o melhor que puderam,/ Levaram-o à igreja, a Deus o ofereceram" (VSD 35bcd).

Estes versos parecem indicar que Domingo foi entregue como oblato em um mosteiro ou Igreja. Contudo, estrofes posteriores, que dão detalhes do cotidiano escolar, informam que ele ia à escola todas as manhãs, sem que sua mãe ou sua irmã precisassem mandá-lo (VSD 37ab). Acrescenta-se que era muito aplicado, deixando inclusive de dormir a sesta para aprender mais (VSD 37cd).

Outros detalhes ligados à educação do silense surgem no texto berceano, como os materiais utilizados pelo aluno, cartilhas e pequenas estacas de madeira (VSD 36); o conteúdo estudado - os salmos, os hinos, os evangelhos e as epístolas - (VSD 38); o desenvolvimento das habilidades de ler e de cantar (VSD 39). Os versos berceanos coincidem com diversos outros documentos que retratam a escola "básica" medieval, da qual já fizemos menção neste texto, e, certamente, foram inspirados na própria experiência do hagiógrafo.

No decorrer das outras estrofes que compõem a VSD não é feita nenhuma outra referência à educação formal e o protagonista não figura lendo ou escrevendo. Em um único verso há menção a livros: como parte da reforma que, como prior emilianense, efetuou no cenóbio Santa Maria de Cañas, dotou-o de uma pequena biblioteca (VSD 108). Este verso exprime a importância dada ao saber livresco tanto por Domingo como na vida monástica ibérica.

A VSO apresenta poucas estrofes dedicadas ao relato da biografia da santa, pois a narrativa concentra-se nas suas visões e de sua mãe, Amuña. As referências à educação formal obtida por Oria encontram-se, quase exclusivamente, no relato da sua primeira visão (VSO 27). Nesta, guiada pelas mártires Ágata, Eulália e Cecília, a reclusa passeia pelo céu. É justamente em meio a este passeio que encontramos referências à sua formação intelectual, pois ela pergunta às mártires, insistentemente, se Urraca, sua antiga mestra, encontrava-se no céu (VSO 72, 74).

Urraca é descrita na VSO como uma mulher perfeita, uma professora que teve uma vida santificada. Não foram encontrados outros documentos que mencionem, neste período, uma reclusa emilianense chamada Urraca, mas não há porque duvidar desta informação (Úria Maqua, 181, p. 110). Como é sabido por outros documentos medievais, em muitos mosteiros dúplices ou femininos haviam escolas nas quais as meninas eram instruídas na leitura e na escrita da língua latina e no canto, o que certamente também ocorria em San Millán. Assim, é possível inferir que Oria, junto com outras jovens, recebeu sua educação formal no cenóbio emilianense (Labarge, 1989, p. 135, 278). A obra cita, inclusive, o nome de uma dessas possíveis companheiras, Justa, que já se encontrava também no céu (VSO 76).

Oria era "mucho querida" por sua mestra (VSO 73), que sofreu muito com ela, castigando-a, pois queria que ela estivesse com outras virgens no céu (VSO 75). Segundo a VSO 77, Oria tornou-se reclusa devido à doutrina ensinada pela mestra.

Segundo a obra, Oria pôde ouvir a voz de Urraca, mas não vê-la enquanto passeava no céu em companhia das virgens mártires (VSO 78, 79). Contudo, como o próprio narrador informa, este fato não afetou as lembranças de Oria, que "nunca esquecia a sua mestra" (VSO 79d), indicando o papel marcante desta professora na formação da aluna.

A outra referência à educação na VSO é indireta. O texto berceano informa que Oria se deleitava lendo, em sua cela, as biografias e as paixões dos mártires (VSO 37). Ou seja, ela não só dominava a leitura em latim como lia particularmente.

Que pontos comuns e divergentes as hagiografias apresentam? As obras de Tomás de Celano não dão destaque ao saber intelectual, que é apresentado com uma certa ambigüidade. Se na 1 Cel ele se opõe à sabedoria divina, na 2 Cel e LSC estes conhecimentos parecem convergir. Esta ambigüidade pode ser explicada pelo próprio desenvolvimento do movimento franciscano.

Como defendem diversos trabalhos, Francisco não era douto, ou seja, não freqüentou uma escola episcopal ou foi à universidade. Tampouco considerava o saber como um valor em si, mas um meio para conhecer a Deus. Quando a 1 Cel foi redigida, somente dois anos após a morte de Francisco, muitos letrados já haviam se juntado ao movimento, mas ainda formavam um pequeno grupo. Além disso, trilhavam-se os primeiros passos na institucionalização da Ordem e em sua adaptação aos ideais da Igreja romana. Assim, a posse de livros e a ida dos frades às escolas catedralescas e às universidades ainda não eram questões centrais (Fernández Conde, 1996, p. 133-144).

O quadro muda duas décadas depois, ocasião em que a 2 Cel é redigida, e fica ainda mais nítido no início dos anos 50, momento de composição da LSC. Ampliou-se consideravelmente o número de letrados no seio da Ordem, surgiram escolas e bibliotecas franciscanas e o papado impôs a necessidade de instruir os frades (Potestá, 1990). Assim, nestas duas obras, o saber divino e o saber dos livros, ainda que diferentes, não são tratados como irreconciliáveis, mas como passíveis de complementarem-se. Ambos são considerados valorosos e é neste sentido que a 2 Cel afirma que o simples pode aprender com o douto e este, com o "idiota".

Também verifica-se, nas obras celanenses, uma clara *genderização* da educação formal. Mesmo não sendo apresentado como letrado, Francisco figura nas hagiografias lendo e escrevendo e é respeitado pelos doutos. Clara, por sua vez, apesar de ter redigido diversos textos não é caracterizada com nenhuma habilidade intelectual. Aliás, as palavras dos doutos sequer lhe fazem sentido, são como "cascas". O único saber que ela é capaz de apreender é o divino, que não é fruto de esforço pessoal, mas é uma dádiva de Deus.

Se o saber intelectual e o saber divino são distintos em Tomás de Celano, o primeiro é, em Gonzalo de Berceo, uma etapa necessária à vida religiosa. Tanto Domingo como Oria foram instruídos antes de dedicarem suas vidas totalmente a Deus. Domingo foi ordenado clérigo após freqüentar a escola da Igreja paroquial e Oria tornou-se reclusa após ser educada por Urraca.

Mais do que fazer discussões sobre o valor do saber intelectual ou de sua relação com a sabedoria divina, Gonzalo de Berceo retrata o cotidiano escolar de Domingo e o relacionamento de Oria com sua professora, provavelmente inspirado em suas próprias experiências como aluno e, posteriormente, professor. Há, porém, na VSD, uma preocupação em realçar as habilidades adquiridas por Domingo na escola, o que não ocorre no caso de Oria. Na VSO é sublinhada a disciplina rigorosa a que Urraca submetia sua aluna. Há uma sutil diretriz de gênero aqui: se Domingo vai sem ser ordenado à escola e logo aprende coisas novas, Oria esteve sob rígida disciplina para aprender.

Podemos concluir, após a análise dos textos hagiográficos selecionados, que, apesar de contemporâneos, Tomás de Celano e Gonzalo de Berceo qualificam a educação formal de formas distintas, o que pode ser explicado por seus diferentes compromissos institucionais e experiências. Tomás era letrado, mas certamente obteve sua formação intelectual em um centro monástico. Além disso, era franciscano e fiel às diretrizes da ordem. Quando a ordem mudou, sua perspectiva sobre o saber intelectual

também se ajustou. Já Gonzalo de Berceo cursou a universidade, provavelmente atuou como professor e era entusiasta da reforma propagada pelo papado, que visava, dentre outras metas, a melhoria do nível intelectual dos clérigos.

Para Tomás de Celano havia uma evidente distinção entre o saber divino e o saber dos livros, ainda que estes pudessem convergir. E as mulheres, o "sexo mais débil", como ele mesmo afirma em LSC 10, estavam mais aptas para apreender a sabedoria vinda de Deus, posto que é um dom. Para Gonzalo de Berceo o saber dos livros e o saber divino não se opõem. Ao contrário, o saber intelectual é uma etapa fundamental para capacitar as pessoas para a vida religiosa, sejam homens ou mulheres. Contudo, obter este saber parece ser mais "natural" no caso de Domingo. Quanto a Oria, precisou ser castigada para chegar à perfeição intelectual e, posteriormente, espiritual.

Mesmo reafirmando a inferioridade intelectual das mulheres, a argumentação dos hagiógrafos é diferente. Em Tomás, por ser do sexo frágil, Clara só possui a sabedoria vinda de Deus; não é capaz de adquirir o saber dos livros. Em Gonzalo, o saber intelectual é para homens e mulheres. Contudo, enquanto Domingo é motivado para aprender, e o faz, quase sem esforço, Oria necessita ser disciplinada.

No estudo do gênero, portanto, faz-se primordial desconstruir os enunciados à luz de diferentes variáveis, pois só assim seremos capazes de perceber as particularidades e nuances nas construções discursivas sobre as diferenças sexuais. Longe de ser homogêneo ou natural, o gênero é constituído com conflitos, incoerências e divergências. Assim, mesmo dois autores contemporâneos, clérigos, acabaram por pensar de forma diferenciada a relação entre educação, santidade e gênero. Por suas diferentes inserções como letrados e religiosos, dotaram o saber intelectual de valores distintos e o articularam à santidade e ao gênero de forma própria.

Bibliografia

- CARNEY, M. *A primeira franciscana. Clara de Assis e sua forma de vida*. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1997.
- FERNÁNDEZ CONDE, J. Los frailes franciscanos protagonistas de la aventura intelectual de los siglos XIII y XIV. In: IGLESIA DUARTE, J. I. de la (Coord.). SEMANA DE ESTUDIOS MEDIEVALES, VI, Nájera, 31 de julho a 4 de agosto de 1995. *Atas...* Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 1997. p. 133-144.
- FLAX, J. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) *Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 217-250.
- GONZALO DE BERCEO. *Obra Completa*. Madrid: Espasa-Calpe, 1992.
- LABARGE, M. W. *La mujer en la Edad Media*. 2 ed. Madrid: Nerea, 1989.
- PAUL, J. *História Intelectual do Occidente Medieval*. Madrid: Cátedra, 2003.
- POTESTÀ, G. L. Maestros y doctrinas em el siglo XIII. In: ALBERZONI, M.P. et alli. *Francisco de Asís y el primer siglo de historia franciscana*. Oñati: Editorial Franciscana Arantzazu, 1999. p. 345-381.
- SARANYANA, J. I. *La discusión medieval sobre la condición femenina (Siglos VIII al XIII)*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1997.
- SILVA, V. F. Saber e Gênero: discutindo o lugar do "saber intelectual" para os franciscanos nos escritos de Tomás de Celano. In: SILVA, A. C. L. F., SILVA, L. R. (Org.). SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 4, Rio de Janeiro, 14 a 18 de maio de 2001. *Atas...* Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2001. p. 304- 309.

- SCHMUCKI, O. "Soy ignorante e idiota" (CtaO 39). El grado de formación escolar de san Francisco de Asís. *Selecciones de Franciscanismo*, v. XI, n. 31, p. 89-106, 1982.
- TEIXEIRA, C. M. et al. (Tradutor). *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- VERGER, J. *Cultura, Ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII*. Bauru: Edusc, 2001.
- _____. *Homens e saber na Idade Média*. Bauru: Edusc, 1999.
- ZAVALLONI. *A personalidade de Santa Clara de Assis. Estudo psicológico*. Petrópolis: Família Franciscana do Brasil, s.d. [Edição italiana de 1995].